

passam ao longo do muro, insistissem em que respondesse o que vem a ser cada um daqueles objetos? Você não acha que ele diria que são mais verdadeiras as visões de antes do que as de agora?

— Sim — disse Glauco —, o que ele vira antes lhe pareceria muito mais verdadeiro.

— E se fossem nosso libertado a encarar a própria luz? Você não acha que seus olhos doeriam e que, voltando as costas, ele fugiria para junto daquelas coisas que era capaz de olhar, pensando que elas são mais reais do que os objetos que lhe estavam mostrando?

— Exatamente — concordou Glauco.

— Suponha então — continuou Sócrates — que o homem fosse empurrado para fora da caverna, forçado a escalar a subida escarpada e que só fosse solto quando chegasse ao ar livre. Ele ficaria aflito e irritado porque o arrastaram daquela maneira, não é mesmo? Ali em cima, ofuscado pela luz do Sol, você acha que ele conseguiria distinguir uma só das coisas que agora nós chamamos verdadeiras?

— Não conseguiria, pelo menos de imediato.

— Penso que ele precisaria habituar-se para começar a olhar as coisas que existem na região superior. A princípio, veria melhor as sombras. Em seguida, refletida nas águas, perceberia a imagem dos homens e dos outros seres. Só mais tarde é que conseguiria distinguir os próprios seres. Depois de passar por esta experiência, durante a noite ele teria condições de contemplar o céu, a luz dos corpos celestes e a lua, com muito mais facilidade do que o sol e a luz do dia.

— Não poderia ser de outro jeito.

— Acredito que, finalmente, ele seria capaz de olhar para o sol diretamente, e não mais refletido na superfície da água ou seus raios iluminando coisas distantes do próprio astro. Ele passaria a ver o sol, lá no céu, tal como ele é.

— Também acho — disse Glauco.

— A partir daí, raciocinando, o homem libertado tiraria a conclusão de que é o sol que produz as estações e os anos, que governa todas as coisas visíveis. Ele perceberia que, num certo sentido, o sol é a causa de tudo o que ele e seus companheiros viam na caverna. Você também não acha que, lembrando-se da morada antiga, dos conhecimentos que lá se produzem e dos seus antigos companheiros de prisão, ele lamentaria a situação destes e se alegraria com a mudança?

— Decerto que sim.

— Suponhamos que os prisioneiros concedessem honras e elogios entre si. Eles atribuiriam recompensas para o mais esperto, aquele que fosse capaz de prever a passagem das sombras, lembrando-se da seqüência em que elas costumam aparecer. Você acha, Glauco, que o homem libertado sentiria ciúme dessas distinções e teria inveja

dos prisioneiros que fossem mais honrados e poderosos? Pelo contrário, como o personagem de Homero, ele não preferiria “ser apenas um peão de arado a serviço de um pobre lavrador”, ou sofrer tudo no mundo, a pensar como pensava antes e voltar a viver como vivera antes?

— Da mesma forma que você, ele preferiria sofrer tudo a viver desta maneira.

— Imagine então que o homem liberto voltasse à caverna e se sentasse em seu antigo lugar. Ao retornar do sol, ele não ficaria temporariamente cego em meio às trevas?

— Sem dúvida.

— Enquanto ainda estivesse com a vista confusa, ele não provocaria risos dos companheiros que permaneceram presos na caverna se tivesse que entrar em competição com eles acerca da avaliação das sombras? Os prisioneiros não diriam que a subida para o mundo exterior lhe prejudicara a vista e que, portanto, não valia a pena chegar até lá? Você não acha que, se pudessem, eles matariam quem tentasse libertá-los e conduzi-los até o alto?

— Com certeza.

— Toda esta história, caro Glauco, é uma comparação entre o que a vista nos revela normalmente e o que se vê na caverna; entre a luz do fogo que ilumina o interior da prisão e a ação do sol; entre a subida para o lado de fora da caverna, junto com a contemplação do que lá existe, e entre o caminho da alma em sua ascensão ao inteligível. Eis a explicação da alegoria: no Mundo das Idéias, a idéia do Bem é aquela que se vê por último e a muito custo. Mas, uma vez contemplada, esta idéia se apresenta ao raciocínio como sendo, em definitivo, a causa de toda a retidão e de toda a beleza. No mundo visível, ela é a geradora da luz e do soberano da luz. No Mundo das Idéias, a própria idéia do Bem é que dá origem à verdade e à inteligência. Considero que é necessário contemplá-la, caso se queira agir com sabedoria, tanto na vida particular como na política.

”

RIBEIRO, Jorge Cláudio. *Platão, ousar a utopia*. São Paulo, FTD, 1988.

ANÁLISE E REFLEXÃO

1. De acordo com Platão, qual é a tarefa central de toda educação?
2. Explique o que Platão pensava sobre a democracia.
3. Anote as principais conclusões a que você chegou lendo *Alegoria da caverna* e discuta-as com seus companheiros.